



IX Simpósio Nacional de História Cultural
Culturas – Artes – Políticas: Utopias e distopias do mundo contemporâneo
1968 – 50 ANOS DEPOIS
Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT
Cuiabá – MT
26 a 30 de Novembro de 2018

**EVOCAÇÃO DOS ANOS “ANOS OUSADOS,” (ANOS SESSENTA),
PROJETADA NA MEMÓRIA SOCIAL**

Gisafran Nazareno Mota Jucá¹

CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

A expressiva comemoração dos cinquenta anos do “ano que não terminou”, rememorado com a reedição de obras consagradas, (VENTURA, 2018; GABEIRA, 1979) e o lançamento de outras (ZAPPA; SOTO, 2018; SANDER, 2018), pode ser projetada como uma oportunidade temática esgotada, considerando o valor dessas abordagens apresentadas, que mergulharam a fundo no decisivo momento da história nacional e souberam visualizá-lo no cruzamento do panorama internacional com a realidade brasileira.

Uma reminiscência, voltada para um tempo diluído, na “vida líquida” (BAUMAN, 2009) da globalização, não deve ser definida apenas como a busca de uma satisfação intrínseca de um saudosista de um passado consagrado pela tradição, mas encarada como uma preciosa revelação do espelho da história, que não pode ser

¹ Professor Titular do Curso de História, da Universidade Estadual do Ceará, (UECE); Professor aposentado do Departamento de História, da Universidade Federal do Ceará, (UFC) e Professor da Pós-Graduação em Educação, na Linha de História da Educação Comparada, da UFC.

compreendida em toda a sua dimensão, mas que se revela possível de ser questionada pelo observador atento, capaz de entender o significado da dinâmica da temporalidade.

É como se o historiador estivesse de costas para o futuro, defrontado apenas com um passado louvado ou lamentado. Mesmo com o imaginário projetado de uma ruptura entre o presente e o passado e uma desilusão no temido futuro, cada marca temporal repensada nos permite aprofundar a busca da compreensão do “fim da modernidade”. (VATTIMO, 2002).

REMINISCÊNCIAS ROTAS

A princípio pensamos em entrevistar várias pessoas a respeito dos anos sessenta, com o intuito de obter uma maior representatividade dos espaços sociais evocados, mas após a realização da primeira entrevista, mudamos de opinião, deixando a posteriori a coleta de mais envolvidos com a temática estudada.

O escolhido foi um professor da Graduação e da Pós-Graduação em História, de uma Universidade Pública, do Estado do Ceará, que pediu para não ser identificado, justificando a sua decisão com o argumento de que quanto mais reservado fosse o seu pronunciamento, mais sincero e revelador ele se projetaria, não apenas como um informativo, pois revelaria os segredos do consciente e do inconsciente de quem viveu aqueles dias, denominados “anos dolorosos”, considerando a experiência e os desafios de um adolescente, cheio de dúvidas e inquietações, que o marcaram de forma indelével.

Após uma longa espera, sempre justificada pelos compromissos diários, que preenchiam sua agenda, ao invés de nos deslocarmos até sua residência ou a seu ambiente de trabalho, ele fez questão de se dirigir até nossa residência, onde em meu “quarto de estudo” sentou-se a nossa frente e começou a narrar o seu depoimento. Por incrível que possa parecer, nenhuma indagação lhe apresentamos no início do diálogo, somente no final da entrevista lhe dirigimos algumas perguntas complementares, mas nenhuma delas foi do enredo essencial, que já havia sido apresentado.

Quando foi se submeter ao vestibular, em 1967, ele se inscreveu para o Curso de Direito, da Universidade Federal do Ceará, (UFC) e para a Licenciatura em História, da Faculdade de Filosofia do Ceará, (FAFICE), instituição mantida pelo Governo Estadual e agregada à UFC. Apesar da boa nota obtida em português, com o peso compensador da redação, foi eliminado na Federal porque não atingiu a nota mínima exigida para a prova

de matemática. No vestibular da Faculdade Estadual, conseguiu a aprovação, como primeiro colocado da turma, mas a não classificação na UFC o deixou abatido, afinal mesmo com a justificativa de que no currículo do terceiro ano “Clássico,” destinado aos dedicados às Ciências Humanas, não era ministrada a “temida disciplina,” aquela reprovação permaneceu como um pesado pesadelo, durante muitos anos.

A justificativa para tal abatimento se relacionava com a sua permanência, como interno no Seminário da Prainha, mantido pela Arquidiocese de Fortaleza, desde os 11 até os 15 anos, 1960 - 1965. Ali cursara o chamado ginásio e concluíra o segundo ano clássico, onde além do português e da matemática, eram ofertadas disciplinas como o latim e grego. Ser reprovado, na tradição dos anos sessenta, era demonstrar pouca capacidade intelectual, sendo excluído da lista dos privilegiados, que sempre obtinham as notas almejadas. Somente após muitos anos, ele percebeu que o grau de inteligência, que era atribuído a qualquer jovem, sempre avaliado de acordo com a capacidade memorativa do aluno, constituía uma balela. Saber era “reter na cachola”, as datas, os nomes, as regras e as fórmulas indicadas.

Nas palavras do depoente, o chamado “decoreba” era o espelho fiel do modelo de educação adotado. Mais importante do que a capacidade de analisar e formular a sua própria interpretação, mesmo nas redações exigidas, era produzir mecanicamente o conceito transmitido, um “mal crônico” na escola brasileira, decorrente de dois legados, que se perpetuaram ao longo da história: a oratória dos bacharéis em Direito, que se estendia na verborreia sempre adjetivada, apresentada de forma contundente e os sermões dominicais, dos párocos ou demais religiosos, sempre defensivos da moral e dos bons costumes.

A decisão de deixar o Seminário foi de cunho pessoal, ao perceber que não atendia às exigências de uma Igreja seletiva e retrógrada, que ainda não percebera o seu deslocamento temporal, que seria sanado com a aplicação de inovações, nos ritos e nas práticas, adotadas, após o término do Concílio Vaticano II, representado na figura carismática do Papa João XXIII.

Os seus colegas de turma eram, em sua maioria, advindos de uma sofrida classe média, ainda oscilante ante um tradicional mercado de trabalho, com uma faixa etária plural, pois poucos eram os mais jovens, como o depoente, com apenas 18 anos, mas a maioria era eclética, constando na sua relação desde um pastor protestante, por sinal muito querido pelos colegas, dois ex-colegas do Seminário, um bacharel em Direito, sempre

trajando um paletó, mas a maioria eram mulheres próximas aos trinta anos, algumas delas casadas. O bem querer, dedicado ao pastor, pode causar surpresa, mas ele era uma pessoa simpática, sempre atenciosa, formado em Teologia, pela Faculdade Presbiteriana do Recife.

O quadro de professores, além do tipo de educador da época, alguns formados em Direito e Filosofia, revelava uma peculiaridade, fruto do modelo repressivo, adotado a partir de 1964: três professores eram militares, sendo um deles do quadro docente do Colégio Militar e outro, professor de Etnologia e Etnografia, formado em Odontologia e um terceiro, velho professor da FAFICE.

O teor das aulas não fugia à tradição, o mestre falando e os alunos copiando, após a costumeira indagação dos mais aplicados: “isso vai cair na prova”? Raras eram as aulas com uma metodologia diferente, entre elas as ministradas pela Professora..., que ensinava História da Arte, levando para a sala de aula uma pequena radiola, com a apresentação de músicas, cujas letras serviam de análise e reflexão sobre os temas tratados, despertando o interesse de todos por suas exposições. A sua fonte de inspiração era o Mestre Paulo Freire, embora nunca tenha levado um de seus textos para serem discutidos. O que se revelava era uma aplicação concreta do método desse consagrado pedagogo, partindo de exemplos do cotidiano, que remetiam à revelação do significado de alguns conceitos básicos, na relação dialógica entre professor e alunos. Outro professor, estimado pela maioria, era o responsável pela disciplina Filosofia da História. Apesar de uma tonalidade de voz suave e monótona, na referência aos pensadores que embasavam as suas exposições, havia algo de diferente, bem diverso daquele amontoado de datas e fatos, tão comum aos professores adeptos das aulas expositivas, sem nenhuma referência que pudesse motivar o levantamento de questões sobre os assuntos tratados.

O dentista militar, em suas aulas de etnografia e etnologia, mais referências apresentava sobre a Yoga do que sobre temas dessa matéria. Ele adorava a Yoga como opção revivescente, capaz de limpar a mente humana de preocupações traumáticas ou de temas banais. O conteúdo da disciplina ficava em segundo plano. Aliás, poucos eram os livros indicados ou referenciados, nas aulas ministradas, na exposição do professor todo o conteúdo a ser captado pelo aluno, para reproduzi-lo em duas provas escritas.

Além dessas avaliações, denominadas Notas Parciais de Conhecimento (NPC), havia para cada disciplina a Nota do trabalho Individual, (NTI), sobre um tema indicado ou escolhido, cujo conteúdo, mas consistia numa cópia de livros ou de abordagens sobre

o assunto a ser estudado. Os alunos denominavam essa última modalidade de avaliação, o NTI, como o “nada tinha imaginado”, por isso devia-se copiar o que os autores conhecidos haviam apresentado, excluindo os termos ou expressões mais sofisticados, a fim de despistar o professor de uma possível desconfiança de uma compilação.

O outro professor militar, responsável pela disciplina História do Brasil, como medida didática inovadora, colocou um quadro mural, onde afixava mapas e fotografias, referente aos temas políticos destacando com maior esmero aqueles que reportavam à Guerra do Paraguai. Outra curiosidade da prática docente desse professor dizia respeito à nota a ser atribuída a cada prova individual. Ele partia daquele aluno que escrevera mais, chegando a mais de uma folha de papel almaço, pois segundo ele, “aquele aluno que mais conteúdo apresentasse, melhor nota conseguiria.” Resultado de tal critério avaliativo: cada um procurava preencher mais a folha de papel disponível, recorrendo a diferentes alternativas de melhor preencher as inúmeras linhas disponíveis, sendo beneficiados aqueles que demonstrassem uma modalidade de escrita com letras maiores, as “letras de forma”, para facilitar a leitura do professor.

Em síntese, em sala de aula, pouco se falava, privilegio de mestre expositor, muito se copiava, para garantir a acumulação do conteúdo a ser reproduzido nas avaliações individuais. O uso da “xerox”, tão comum em nossos dias, ainda não fora adotado e, do mimeógrafo mantido a base de álcool, só algumas provas realizadas, motivo de reclamações dos alunos, porque muitas delas se tornavam quase ilegíveis em decorrência da qualidade da reprodução aplicada.

Outra modalidade de avaliação, que poderia substituir uma das provas individuais, era a aula a ser ministrada pelos alunos, que escolhiam um tema ou acatavam outro, indicado pelo professor. Em geral, essa prática de exposição era mais comum nos últimos semestres, quando a maioria dos alunos já possuía experiência didática. Poucos eram os professores, que apresentavam comentários sobre os temas apresentados, cabendo aos alunos descobrir como ganhar melhor pontuação, através de perguntas, apresentadas por alguns dos colegas. Conforme o combinado, o expositor com antecedência já tomara conhecimento dessas questões a serem apresentadas e, portanto, as devidas respostas já estavam bem estruturadas, para demonstrar conhecimento do conteúdo tratado.

Uma exceção nesse método compensatório partiu de um professor, recém - admitido na instituição, responsável pela disciplina Historiografia Geral. Do princípio ao

fim do programa, foram divididos todos os itens entre os alunos, ficando cada um responsável pela exposição acerca de algum historiador que merecesse ser abordado. O entrevistado, percebendo a imaturidade do nosso professor, escolheu o nome de um historiador pouco referenciado, era um professor português, especialista em temas da colonização lusitana na Ásia. Na sua aula, para demonstrar que dominava o tema tratado, o aluno expositor afirmou, categoricamente, que tal historiador fora influenciado pelo pensamento de um famoso docente asiático, denominado “Suvana Fuma” e pediu a opinião do professor, que logo confirmou a “segura” exposição do seu aluno. Resultado, desse dia em diante, esse professor passou a ser lembrado pelos alunos como o professor “Suvana Fuma”. Para quem saíra do rígido modelo educacional de uma consagrada instituição, como o Seminário da Prainha, pouco mudara o estilo das aulas ministradas no cotidiano escolar. Bom professor era aquele que mais falava, melhor aluno era aquele que concordava, com fidelidade, sobre o tema exposto e permanecia atento a cada afirmação do seu mestre. A memorização era o termômetro indicativo do grau de conhecimento de cada um dos discípulos, que lhe fossem fiéis.

A esse respeito, um fato ficou na lembrança do entrevistado, que conseguiu o seu primeiro compromisso como professor em um chamado “Cursinho Pré-Vestibular”, modelo de preparação aos candidatos ao ensino superior, recém-adotado naquela época. Quando ele foi ministrar a sua primeira aula, levou umas fichas, de papel pautado, com o esquema da temática a ser apresentada e, antes de entrar em sala de aula, foi advertido por um colega: “não faça isso, caso deseje preservar o seu nome como o de um bom professor. Você tem que demonstrar que domina o assunto e falar firme e forte diante dos alunos que o avaliam”. E, com inocência, o entrevistado afirmou: e se eu cometer algum erro de nome ou de data? “Não tem problema, você apresentará o conteúdo correto nas constantes provas objetivas, de avaliação, no modelo daquelas, que são aplicadas na seleção do vestibular”.

Uma marca que permaneceu viva na sua memória foi a respeito movimento estudantil na antiga FAFICE. Vizinha à sala dos alunos de história ficava a destinada aos do Curso de Filosofia e, dentre eles se destacava, 0....., também aluno do Curso de Direito da Universidade Federal do Ceará. Ele viera do interior cearense, de um distrito do município de Quixeramobim, no sertão central, filho de agricultor. Fora descoberto pelo vigário da cidade vizinha a sua, Senador Pompeu, para onde fora levado, pelo vigário

dessa paróquia, que o acolheu, na Casa Paroquial, a fim de que concluísse o antigo curso ginásial.

A atitude daquele pároco, de apoiar os menos favorecidos, constituía uma aplicação da pastoral adotada pela Igreja Católica, após o Concílio Vaticano II, que acolhia os jovens, através das entidades criadas como estratégia de ação social, como a Juventude Agrária Católica, (JAC), a Juventude Estudantil Católica, (JEC), A Juventude Industrial Católica, (JIC), e a Juventude Universitária Católica (JUC). O depoente não tinha certeza se o jovem fora atraído pela ação da JAC ou da JEC, provavelmente dessa primeira, pois esse estudante era filho de agricultores.

Concluído o ginásial, o referido jovem veio para Fortaleza, onde obteve um bom emprego, numa empresa americana, a IBM, mas logo se envolveu com o movimento estudantil, especialmente quando foi aprovado no Vestibular da Faculdade de Filosofia do Ceará, (FAFICE), para o Curso de Licenciatura em Filosofia, onde encontrou outros colegas, envolvidos com o movimento estudantil e filiados ao Partido Comunista Brasileiro. Como prova de sua capacidade de liderança foi eleito presidente do Centro Acadêmico Santo Tomás de Aquino, o CASTA, e participou ativamente das diversas manifestações de protesto, nas ruas da cidade no final dos anos sessenta.

Um detalhe informado pelo depoente nos revela o rigor da postura ideológica das lideranças daquele período de turbulência política. Na sala reservada ao CASTA havia uma imagem grande de São Tomás de Aquino, um legado do antigo Diretório Estudantil, quando aquela faculdade de Filosofia era dirigida pelos Irmãos Maristas. Após passar a ser uma instituição mantida pelo governo estadual do Ceará, no final de 1966, o quadro docente permaneceu o mesmo na nova Instituição de ensino do Estado. O Vestibular do início do ano de 1967 trouxe muitos jovens a nova faculdade, muitos deles antes pertencentes àquelas entidades mantidas pela igreja Católica, que foram atraídos pelas propostas oriundas dos partidos de esquerda e, em especial, do velho PCB.

Um fato curioso ocorreu logo após a posse da nova direção do CASTA. Havia em cima de uma estante, de porte médio, uma imagem grande de São Tomás de Aquino, o protetor do antigo Centro Acadêmico da Faculdade Católica de Filosofia, antes de ser encapada pelo Governo do Estado. A decisão unânime dos membros desse órgão estudantil foi retirar aquela imagem, símbolo de uma posição submissa à tradição cristã, mas a princípio tornou-se um desafio para onde deslocá-la e após muitas sugestões ficou decidido que, para não causar um impacto maior, ante os representantes da velha guarda

ideológica, ela foi colocada no canto da sala, atrás da estante. Ainda bem que o ocorrido quase não foi percebido pelos demais estudantes, pois se a direção da Faculdade tomasse conhecimento, esse fato banal seria considerado num ultraje aos valores morais da tradição católica.

Afinal, mesmo que a maioria dos estudantes fosse oriunda de escolas públicas e, em menor escala, de colégios particulares, em alguns dos cursos de licenciatura, como história, letras e pedagogia, havia ex-alunos vindos do Seminário da Prainha, inclusive dois padres, sem esquecer os que eram professores da FAFICE. O próprio diretor da Faculdade, um conceituado sacerdote tinha sido um dos últimos Reitores do Seminário da Prainha, antes de ser fechado, mas dizem os bens informados que a indicação para esse cargo não foi apenas em decorrência do papel social da Igreja Católica, mas devido a sua posição social. Ele pertencia a uma tradicional família cearense e um irmão seu se destacava como um grande industrial, na cidade de Sobral. Inclusive, numa das últimas viagens do presidente Castelo Branco a Fortaleza, ele se hospedara na residência do conceituado representante da elite local. Além disso, o Governo do Estado sabia muito bem como escolher seus assessores ou diretores de entidades de sua confiança.

Quanto ao ingresso do depoente, no Centro Acadêmico São Tomás de Aquino, (CASTA), a sua explicação bem revela o desafio por ele enfrentado. Para um jovem, recém-egresso de uma instituição de formação religiosa, o Seminário da Prainha, ele se viu diante de um panorama bem diferente daquele vivido sob as rígidas regras estatutárias. Mesmo assim, entre esses dois estágios de uma formação, um ponto comum foi por ele percebido, a crença numa mensagem social renovadora, capaz de alterar a paisagem histórica da Fortaleza dos anos sessenta.

A promessa de uma redenção do além-túmulo, baseada na tradição católica, foi substituída pela esperança mais imediata de uma redenção social, que seria obtida ainda no aqui e agora. A conscientização dos estudantes, para assumirem o seu papel contestador, ante uma paisagem social desafiadora, onde a concentração de renda em mãos da velha elite impedia a melhoria das condições de vida dos menos favorecidos, exigia dos mais jovens uma tomada de posição mais desafiadora na busca de uma redenção em prol dos mais explorados, os operários de acordo com os postulados da mensagem marxista então vigente.

Como a mensagem social da Igreja Católica ainda não se firmara, entre os mais jovens, a proposta de uma revolução social, baseada no modelo soviético, era o sonho

aguardado pelos estudantes considerados mais esclarecidos, capazes de antever o panorama futuro, tendo como modelo orientador, o sistema implantando por Fidel Castro, em Cuba, que se transformara de uma Ilha explorada pelo imperialismo americano em uma frente ousada de ruptura do predomínio do velho capitalismo. Em janeiro de 1968, Fidel decretou esse ano como o ano do guerrilheiro heroico, em homenagem a Che Guevara. Na Ásia desde fevereiro desse mesmo ano, o Vietcongue estabeleceu um governo revolucionário, na antiga capital imperial do país e o desenrolar da guerra, na visão redentora das lideranças estudantis, seria uma prova cabal da fragilidade dos Estados Unidos, incapaz de vencer as guerrilhas.

Além disso, mesmo tomando conhecimento da gradativa mudança de posição ideológica da Igreja Católica, a religião era menosprezada, uma vez fora definida pelo grande guia como o “ópio do povo”. A experiência de um país mais fraco poder enfrentar a velha potência foi alimentada de forma vigorosa, após a rigorosa resistência daqueles países menos poderosos economicamente, Cuba e Vietnã do Norte, mas que conseguiram se firmar, na América Latina, nas proximidades dos Estados Unidos e na Ásia, como outro modelo de política, em prol da redenção dos menos favorecidos.

A direção do CASTA estava em mãos de dois representantes dos partidos comunistas, o presidente e o vice, que por sinal moravam no mesmo apartamento, ou melhor, ocupavam um pequeno quarto localizado nas proximidades do centro da cidade. Eles foram grandes amigos durante todo o percurso da vida acadêmica. Os dois outros cargos do Centro Acadêmico não foram ocupados por representantes partidários, porque eles tinham sido escolhidos pelas circunstâncias do momento. O tesoureiro era um aluno do curso de matemática, nada melhor do que ele para manter em dias as informações sobre os gastos e os recursos disponíveis para o CA e o outro, representante cultural era o entrevistado. Ele se considerava um neófito nesse campo de ação e só aceitou o cargo porque lhe convenceram do valor social da representatividade que devia exercer no trato cotidiano com os colegas da Faculdade. Além disso, ser indicado para um cargo representativo de uma entidade estudantil estimulava os bríos de um adolescente, que se sentia estimulado a se engajar na ação renovadora de um órgão estudantil.

Curioso é que em nenhum momento, do período de sua participação como representante cultural no CA, qualquer atividade nesse campo foi programada, com exceção de uma palestra de um padre, que dirigira a Juventude Universitária Católica, JUC, professor da Faculdade e que fez uma palestra sobre a guerra do Vietnã. Na

realidade, o cerne do movimento estudantil se concentrava na ação política, cada vez mais consciente da tomada de posição radical, que devia ser mantida ante a ditadura militar implantada e contra o papel dos Estados Unidos, a potência que queria ser a dona do mundo. O nosso depoente se lembrou da letra de uma composição cantada nas passeatas contra o poder americano: “leite em pó, leite em pó que tu me deste, acabou com a fome do nordeste, leite em pó, feijão soja e coca cola, ai meu Deus, ai meu Deus, que grande esmola”.

Os dois amigos dirigentes do CA participavam de constatastes reuniões com as demais representações estudantis, em sua maioria compostas por estudante da UFC, para discussão dos programas traçados, em especial das passeatas que foram organizadas, em Fortaleza, após a manifestação do Calabouço, no Rio de Janeiro, e das demais manifestações que se sucederam, de forma alternada, como a chamada “passeata dos excedentes”, assim denominados aqueles que tinham sido aprovados no vestibular, mas não ingressavam na Universidade, em decorrência do número de vagas estabelecidas e mais grave ainda foi aquela, registrada no mês de março, quando o estudante Edson Luís foi morto pelas tropas da polícia.

O trajeto dessas manifestações solidárias partia da Faculdade de Direito, da UFC, e se dirigiam ao centro da cidade, em direção à Praça do Ferreira ou da Praça José de Alencar, para onde confluía a maioria dos ônibus que atendiam os diversos bairros da cidade. O entrevistado lembrou uma curiosa ocorrência, registrada em uma dessas passeatas. Os estudantes se concentravam na Praça do Ferreira, ponto central da cidade, onde, numa dessas manifestações estudantis, um garoto, de pés descalços e levando uma caixa de engraxate, acompanhou o refrão repetido pelos manifestantes, só que a sua versão deu outro enredo a mensagem repetida: ao invés de “o povo organizado derruba a ditadura”, ele entoava a todo pulmão, “o povo organizado derruba a dentadura”. Após perceberem o novo refrão, muitos riam e outros repetiam a nova definição ali consagrada.

De repente, o narrador que ao longo da exposição de suas lembranças se manifestava de uma forma espontânea, às vezes jocosa, fechou o semblante, aumentou o tom da sua voz, ao responder como hoje ele avaliava aquele momento estudantil:

Fui atingido, quando a repressão começou. Ela não era apenas para dispersar passeatas, mas uma maneira efetiva, de impedir a expressão da liberdade, a partir da perseguição das lideranças estudantis, mais atuantes. O nosso ex-presidente do CA, mais tarde foi escolhido presidente do Diretório Central dos Estudantes da UFC, onde iniciara o Curso de Direito. A partir da repressão, nosso Centro Acadêmico foi

desfeito, esse líder conseguiu fugir e mais tarde foi se engajar na guerrilha do Araguaia, onde terminou preso, mas conseguiu escapar com vida, conseguindo posteriormente ser eleito, mais de uma vez, como Deputado Federal pelo PT, em São Paulo, até ser afastado de alto cargo, em Brasília, quando foi denunciado e preso, no caso Mensalão. O Vice-presidente do CA não foi perseguido e terminou sua experiência como um professor de Curso de Graduação, na atual Universidade Estadual do Ceará, (UECE). Quanto ao tesoureiro, nunca mais o encontrei, mas soube que foi professor concursado de uma Escola Técnica Federal.

Em relação a si, a experiência foi mais dolorosa. Quando a repressão foi acentuada, sentiu-se inseguro e temeroso e mais preocupado ficou, após saber da fuga do antigo líder e das constantes denúncias apresentadas por colegas contra aqueles que lhe pareciam simpáticos. Além do receio de ser “dedurado”, como se dizia na linguagem comum “aos caçadores de subversivos”, a decepção com o fim da história vivida o fez entrar numa depressão aguda, que o levou a tentar contra a própria vida mais de uma vez. Quando indaguei se podia falar mais um pouco sobre esse impasse, ele ficou ainda mais carrancudo e silenciou durante alguns minutos. Em seguida, pegou firme nos meus braços, olhou bem dentro dos meus olhos e afirmou: “eu lhe prometo que, em qualquer dia desses, eu continuarei a narrar esse enredo agora interrompido, mas que merece ainda ser retomado. Nada como um dia atrás do outro”.

CONSIDERAÇÕES CONCLUSIVAS

Logo após o término da entrevista, o depoente me fez o seguinte comentário:

Não precisa você ligar o gravador, mas agora uma lembrança me veio à mente: durante muito tempo, alimentei o desejo de escrever algumas páginas sobre o que acabo de lhe comunicar, mas o peso do modelo analítico, alimentado como uma modalidade de autoafirmação, baseado na dialética em moda durante toda a minha formação, deveria deixar fluir apenas o que pudesse ser revelado sob o filtro da racionalidade. Mas as leituras nos últimos anos das novas tendências interpretativas da história me revelaram outra opção de poder escrever com mais liberdade, permitindo a ousadia de deixar extravasar o amontoado de lembranças, amargas ou compensatórias, mas reveladoras do mundo interior do narrador. Dentre as leituras que me conduziram a essas novas vias de análises históricas, os escritos da Professora Sandra Jatahy Pesavento pesaram forte, abrindo-me novas vias de produção histórica.

Na realidade, alumiado pela chama da história cultural, o depoente reconheceu o valor de deixar fluir os segredos contidos ou os impasses petrificados na memória,

capazes a revelar o outro lado da moeda, com suas peculiaridades e configurações. A sensibilidade não deve ser avaliada como uma manifestação em estágio superior ao da racionalidade, mas ela é rica e contagiante, capaz de iluminar, com maior brilho e transparência, o enredo narrado. A Professora Sandra deixou clara essa marca inovadora da história cultural

Como forma de ser estar no mundo, a sensibilidade traduz-se em sensações e emoções, na reação quase imediata dos sentidos afetados por fenômenos físicos ou psíquicos, uma vez em contato com a realidade. (PESAVENTO, 2008, p. 14).

A memória individual apresentada se projetou como uma fonte histórica, mas ela não revela apenas o modo de pensar do seu narrador, afinal a relação entre Memória Individual e Memória Coletiva (HALBWACHS, 2016) não deve ser desconsiderada, mas preferimos dar ênfase a uma Memória Social, (FENTRESS; WICKHAM, 1994), tradutora de um enlace contínuo entre o singular e o plural.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zygmunt. *Vida Líquida*. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

FENTRESS, James; WICKHAM, Chris. *Memória Social: novas perspectivas sobre o passado*. Lisboa: Editora Teorema, 1994.

HALBWACHS, Maurice. *A memória Coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.
PESAVENTO, Sandra Jatáhy; SANTOS, Nádia Weber dos e ROSSINI, Mirian de Souza. *Narrativas, imagens e Práticas Sociais: percursos em história cultural*. Porto Alegre - RS: Arisco, 2008.

SANDER, Roberto. *1968: Quando A Terra Tremeu*. São Paulo: Vestígio, 2018.
VENTURA, Zuenir. *1968: o ano que não terminou*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

ZAPPA, Regina; SOTO, Ernesto. *1968: eles só queriam mudar o mundo*. 2. Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

VATIMO, Gianne. *O fim da Modernidade: niilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.